



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA – UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ANTONIA CLAUDIANA DA SILVA CRISÓSTOMO BARROSO

**A VIOLÊNCIA FÍSICA ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL:
RELAÇÕES CONFLITUOSAS NO COTIDIANO ESCOLAR EM REDENÇÃO-CE**

REDENÇÃO - CE

2021

ANTONIA CLAUDIANA DA SILVA CRISÓSTOMO BARROSO

**A VIOLÊNCIA FÍSICA ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL:
RELAÇÕES CONFLITUOSAS NO COTIDIANO ESCOLAR EM REDENÇÃO-CE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dr.^a Carolina Maria Costa Bernardo.

REDENÇÃO - CE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Barroso, Antonia Claudiana da Silva Crisostomo.

B285v

A violência física entre estudantes do ensino fundamental:
relações conflituosas no cotidiano escolar em Redenção - CE /
Antonia Claudiana da Silva Crisostomo Barroso. - Redenção, 2021.
39f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto de Humanidades,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, Redenção, 2021.

Orientador: Profa. Dra. Carolina Maria Costa Bernardo.

1. Violência na escola - Ceará. 2. Estudantes - Ensino
fundamental. 3. Ambiente escolar - Recreação. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 371.782

ANTONIA CLAUDIANA DA SILVA CRISÓSTOMO BARROSO

**A VIOLÊNCIA FÍSICA ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL:
RELAÇÕES CONFLITUOSAS NO COTIDIANO ESCOLAR EM REDENÇÃO - CE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em 13 de abril de 2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carolina Maria Costa Bernardo (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Profa. Dra. Jacqueline da Silva Costa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Profa. Dra. Natália Cabanillas

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

A meu filho, Pedro, e minha filha, Julia, que são motivos para eu acreditar em um amanhã melhor. Dedico a vocês este trabalho, na esperança que venham a crescer em uma sociedade com menos violência.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, sou grata a Deus, por ter me concedido saúde, força, capacidade e perseverança para a realização desta pesquisa. Sem Ele, nada seria possível!

Gratidão a minha família por todo incentivo e torcida. Em especial, a meu pai José Araújo e minha mãe, Cleonice, que são meus exemplos de coragem e de fé. Agradeço por todo amor e apoio incondicional ao longo da minha trajetória de vida. E a meu esposo, Paulo César, por estar sempre a meu lado. Obrigada pela compreensão e paciência demonstrada durante o período de minha formação acadêmica.

Agradeço, em especial, à minha Orientadora, Carolina M. C. Bernardo, a quem muito admiro, e que com seus ensinamentos me conduziu à conclusão dessa pesquisa da melhor forma possível. Obrigada pelo carinho e por compartilhar seus conhecimentos e seu profissionalismo. Minha sincera gratidão!

Um agradecimento especial às professoras Jacqueline da S. Costa e Natália Cabanillas, presentes em minha banca de avaliação, por toda dedicação e atenção dedicada a mim e à minha pesquisa, na conclusão dessa etapa. Obrigada!

Agradeço a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, por ter me proporcionado trilhar novos caminhos e avistar novas possibilidades.

A todos que fazem parte do curso de Pedagogia da UNILAB, pelo empenho e compromisso com o ensino. Em especial os/as professores/as e colegas de curso. Obrigada pelo convívio, pelas alegrias e desafios compartilhados.

Meu carinhoso agradecimento às minhas amigas, Cristiane e Maria de Jesus. Estivemos sempre juntas nessa caminhada, partilhando lutas e vitórias. Que a nossa amizade perdure além dos muros da universidade.

Aos que fazem parte da Escola onde foi realizada esta pesquisa, gratidão pela atenção e gentileza que muito contribuíram para o desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço a todos/as de coração, muito obrigada!

RESUMO

A violência presente no espaço escolar se configura como uma das problemática que dificulta o trabalho do/a professor/a e a aprendizagem dos/as estudantes, se tornando um desafio para o processo educacional. O objetivo deste trabalho foi analisar e compreender o comportamento violento entre estudantes de uma escola de ensino fundamental, localizada em Antônio Diogo, distrito de Redenção-CE, a fim de identificar suas principais características, através da observação das relações conflituosas que ocorrem entre eles/as no período do recreio. Tratou-se de um estudo exploratório-descritivo, com a análise de material bibliográfico, utilizando-se como referencial teórico dos estudos de Marilena Chaui, Nilo Odalia, Miriam Abramovay, Maria das G. Rua, Bernard Charlot, Maria A. Elias, e seguida por uma pesquisa de campo para a obtenção de dados que respondessem as questões levantadas pela pesquisa. Através da pesquisa, concluiu-se que as relações conflituosas entre os/as estudantes durante o recreio, resultam em diferentes tipos de violência, ocorrendo principalmente durante as brincadeiras com tendências violentas. Por essa razão, se faz necessário levantar problematizações e reflexões sobre a violência presente no cotidiano escolar, para que os limites sejam superados e novas possibilidades de enfrentar essa problemática sejam pensadas e efetivadas.

Palavras-chave: Escola. Estudantes. Violência.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
1.1. Objetivos.....	15
1.2. Metodologia.....	15
2. CAPÍTULO 1: SOBRE A VIOLÊNCIA.....	18
2.1. Definindo violência, um fenômeno complexo.....	18
2.2. Os tipos de violências manifestadas na sociedade.....	20
2.3. A presença do fenômeno da violência no espaço escolar.....	23
3. RELAÇÕES CONFLITUOSAS NA ESCOLA: ANÁLISES DOS RESULTADOS.....	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37

REFERÊNCIAS

1. INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, buscou-se compreender a violência enquanto fenômeno social, por se tratar atualmente de um dos problemas mais alarmantes em pauta na sociedade brasileira e que necessita ser discutida e compreendida como uma patologia social. Aqui, considera-se a violência a partir da definição da Organização Mundial de Saúde, que aborda o fenômeno como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (Krug EG et al., 2002, p. 5).

Os conceitos utilizados para definir violência são diversos, podendo-a considerar, inclusive, como algo natural do comportamento humano. Como nos afirma Leite (2016, p. 53), ao considerar que *“ser violento é uma das infinitas maneiras com as quais o modo finito humano se expressa existindo em ato. É uma das infinitas maneiras de expressar sua natureza humana”*.

No Brasil, os altos níveis desse fenômeno se configuram como uma patologia social, que é compreendida por Durkheim (2007), como os fatos que são contrários à norma, ocorrendo onde as leis e as regras estão inexistentes, fracas ou até mesmo sendo recusadas por alguns sujeitos, causando momentos de anormalidade e desequilíbrio, resultando em atos patológicos que precisam ter suas causas estudadas e compreendidas, a fim de restaurar a normalidade.

A violência está presente nos atos agressivos de uma pessoa ou grupo de pessoas contra outro/a ou outros/as, seja na forma de uma ação física ou verbal. Ela se manifesta de diversas maneiras, podendo ser identificada dentro de categorias como: violência contra a mulher, contra a criança, contra o/a idoso/a, a violência sexual, física, psíquica, enfim. A violência também acontece quando instituições sociais cometem atos de violação de direitos humanos, como a negação à saúde, educação, emprego, moradia, atos discriminatórios e de desigualdades contra a população, entre outros.

A presença dessas formas de violência na sociedade faz com que elas penetrem no interior das escolas, provocando inúmeras consequências. Diante disso, é importante ressaltar que a escola, através de sua cultura, também reproduz a violência estabelecida na sociedade. Nesse contexto, se faz necessário ampliar os estudos e discussões sobre essa temática, alertando as escolas municipais de Redenção – CE, para a presença da violência e para a compreensão de uma situação que se agrava a cada dia, transformando o ambiente escolar em

um palco de violências. Discussões e dados sobre as questões que envolvem a violência escolar se fazem necessário e urgente, a nível nacional, e principalmente local. Pela relevância do tema e pela busca de estratégias preventivas.

Portanto, buscou-se nessa pesquisa, compreender as questões que envolvem a violência escolar, com foco principal na violência física, a partir das relações conflituosas entre os estudantes do ensino fundamental, de uma escola pública do município de Redenção-CE, localizada no distrito de Antônio Diogo. Se observou como a violência se manifesta através dos comportamentos das e entre as crianças, de forma que os resultados da pesquisa possam ajudar os/as educadores/as a compreenderem melhor a criança e seus contextos, e construir melhor suas estratégias pedagógicas, pois o comportamento das crianças é um reflexo do comportamento social e cultural em que ela está inserida.

O Ceará foi o terceiro estado brasileiro com as maiores taxas de assassinatos registrados nos primeiros seis meses de 2018¹, e estudos apontam para um crescimento da criminalidade e da mortalidade violenta no estado durante os anos, apresentando os conflitos entre facções criminosas como sendo a responsável pelos altos índices de violência. Esse tipo de conflito se expandiu dos grandes centros urbanos para os municípios do interior do estado, como em Redenção-CE, onde pesquisas mostram que a criminalidade e a mortalidade violenta crescem principalmente ao ser comparado aos dados de outros municípios do maciço de Baturité.

Constantemente se apresenta nos noticiários fatos que expõem a violência no município de Redenção, principalmente os casos relacionados ao tráfico de drogas, como o apresentado no site da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social, em fevereiro de 2021, onde através de uma operação da Polícia Civil do Estado do Ceará, foram presas três pessoas investigadas por crimes de homicídios, tortura e tráfico de drogas na cidade². Os mandados de prisão, de busca e apreensão também foram cumpridos na localidade de Antônio Diogo e, de acordo com as informações, os detidos pertencem a um grupo criminoso envolvido em expulsões, ameaças e outros crimes contra moradores da localidade. Essas notícias revelam a presença do crime e da violência no cotidiano local, presentes em Redenção e no distrito de Antonio Diogo, localizadas no interior do Estado, distante 85km da capital Fortaleza, afetando a qualidade de vida na região.

¹ CEARÁ é o terceiro estado com maior número de mortes violentas do Brasil em agosto. **G1 CEARÁ**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2018/10/22/ceara-e-o-terceiro-estado-com-maior-indice-de-mortes-violentas-do-brasil-em-agosto.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2021.

² TRIO é preso pela Polícia Civil sob suspeita de ameaçar moradores em Redenção. **Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social**. Disponível em: <https://www.sspds.ce.gov.br/2021/02/09/trio-e-presos-pela-policia-civil-sob-suspeita-de-ameacar-moradores-em-redencao/>. Acesso em: 31 mar. 2021.

A criminalidade, a mortalidade violenta ou a violência escolar, não são problemas atuais, contudo, vem aumentando expressivamente durante os anos, atreladas às outras formas de violência presentes na sociedade. São casos de agressões físicas, verbais, sexuais, psicológicas e institucionais que vão se tornando cada vez mais graves e preocupantes, revelando-se como um problema social, educacional e de saúde pública.

Um estudo realizado pelo MEC e noticiado pelo G1, em março de 2016, aponta as sete capitais brasileiras com maiores taxas de assassinatos entre jovens, e apresenta a cidade de Fortaleza - CE com o maior índice de violência no âmbito escolar³. São 67% dos alunos/as que afirmam ter sofrido algum tipo de violência, como agressões físicas e psicológicas, em escolas públicas. Essa violência pode ser considerada reflexo da desigualdade social que aumenta a cada ano no país. De acordo com dados do IBGE, o Ceará é apontado como o 7º Estado mais desigual do Brasil⁴, onde apenas 10% da população cearense concentra os maiores rendimentos. Essa desigualdade é mantida e enraizada nas estruturas sociais, gerando entre outros problemas, a pobreza, o desemprego e violência.

Uma das primeiras leituras realizadas em busca da compreensão desta temática, foi a do livro “Violências nas Escolas”, que apresenta o fenômeno como um comportamento “*que quando presente nas escolas prejudica seu funcionamento, impedindo que ela cumpra sua função institucional, ensinar crianças e jovens.*” (ABRAMOVAY; RUA, 2003, p.11). Este livro produzido pela UNESCO, mobilizou governos, ONG’s, pesquisadores/as e educadores/as, e seu objetivo maior era gerar condições de superação dessa violência.

No decorrer da pesquisa, realizei buscas no banco de teses e dissertações da UECE para o estado da arte, através das palavras chaves: “violência” e “escola”, onde foram estudadas inicialmente duas dissertações. Na primeira, apresentada por Sousa (2015) e intitulada “Violência no universo escolar: narrativas e saberes locais”, o autor faz uma análise das narrativas dos sujeitos que fazem parte da comunidade escolar, sobre o que é ou não violência. A pesquisa foi feita em uma escola de ensino fundamental na cidade de General Sampaio, no interior do estado do Ceará.

A segunda leitura foi uma dissertação apresentada por Ramos (2017), intitulada “Cultura de paz na escola: um estudo sobre mediação de conflitos em escolas públicas do Ceará”, com o objetivo de compreender como o projeto de mediação de conflitos estaria

³ FORTALEZA tem maior índice de violência nas escolas, diz pesquisa. **G1 CEARÁ**, 21 mar 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2016/03/fortaleza-tem-maior-indice-de-violencia-nas-escolas-diz-pesquisa.html>. Acesso em: 31 mar. 2021.

⁴ CEARÁ é o 7º estado mais desigual do Brasil. **O Povo**, Fortaleza, 12 abril 2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/economia/2018/04/ceara-e-o-7-estado-mais-desigual-do-brasil.html>. Acesso em: 31 mar. 2021.

sendo concretizada nas escolas públicas do Estado, tendo como campo de análise da pesquisa, a “Escola Mar”, na cidade de Fortaleza - CE.

Sousa (2015) revela a complexidade de se compreender o fenômeno da violência, e os dados de sua pesquisa mostram que professores/as, gestores e alunos/as, possuem diferentes concepções do que é ou não considerado violência. Para o Aluno “A”, a violência pode ser considerada: *“aquilo que irá deixar uma outra pessoa com traumas e com raiva. Tipo as agressões como apelidos, brigas e xingamentos.* O Professor “A” entende a violência como: *“um problema que a cada dia cresce. Os conflitos só aumentam, as pessoas não se respeitam e acabam gerando violência, outros não se preparam e usam a violências pra roubar e matar”.* Enquanto o Gestor “B” vê a violência como: *“falta de respeito, aos mais velhos, a crenças, a intolerância. Como em toda sociedade ela também existe na escola”.* O respeito foi um elemento apontado por todos/as como algo indispensável na resolução de conflitos e na diminuição da violência. O autor apresentou o diálogo como meio de negociação, possibilitando a reciprocidade e a solidariedade dentro da escola, pois, para ele, nas relações sociais, o impedimento à palavra e a falta de respeito às diferenças geram atos de violência.

A pesquisa de Ramos (2017), analisou a efetivação do projeto estadual que utiliza técnicas de mediação de conflitos em escolas públicas e municipais do Estado do Ceará. As situações de conflitos e violências que ocorrem no cotidiano escolar são tratadas, em sua maioria, através de práticas punitivas. A mediação traz a prática restaurativa, que através da ideia do diálogo, restaura os laços entre sujeitos que se encontram em conflitos, controlando as violências. Contudo, o desafio está nas barreiras encontradas pelas instituições envolvidas no processo, sejam através de resistências, coerções, falhas ou fracassos do sistema educativo. A perspectiva dialógica da mediação observada por Ramos (2017), pôde ser constatada em pequenas práticas do cotidiano escolar, como em conversas nos corredores, ouvindo alunos/as e os/as fazendo refletir sobre as ideias de respeito e de carinho. A mediação, para ter resultados positivos, precisa ser algo significativo para os sujeitos, e deve ser pensada a partir do contexto de cada instituição.

Considerando as pesquisas acima citadas, esta investigação buscou entender o contexto em que as escolas estão inseridas, para que só depois pudéssemos reconhecer e discutir a violência a partir daquela realidade e, através dos resultados, pensar em ações que atendam a essa problemática.

As situações de violência que ocorrem dentro da escola, indo desde às agressões físicas, até mesmo à violência psicológica, não podem ser consideradas como brincadeiras típicas de criança, pois deixam marcas profundas no corpo e na alma de quem recebe e de

quem a produz, sendo introjetadas no inconsciente como normal ou natural. Apelidos criados para desqualificar e ridicularizar outra pessoa, e que são repetidos cotidianamente nos corredores escolares, pode causar uma série de distúrbios emocionais que perpassam por todas as fases da criança, até a vida adulta. Fato como esse, passa despercebido e não é tratado como violência. Por essa razão, é importante conhecer e compreender a violência no contexto em que estão inseridas, para que ela seja qualificada como algo inaceitável.

Sendo assim, este trabalho buscou responder às seguintes questões: Como se manifestam as relações conflituosas entre os estudantes do município de Redenção-CE? Há violência nas relações conflituosas entre os estudantes? Quais os comportamentos podem ser identificados como violência? Como a violência se manifesta? Compreender o fenômeno da violência na escola é o primeiro desafio para a busca de solução de um problema complexo, que interfere nas relações pessoais, pedagógicas e em todo o processo educativo.

A maioria das crianças, assim como os adultos entre si, não sabem lidar com os conflitos que surgem a partir da relação diária com outras crianças. Fatores internos e externos à escola, influenciam a manifestação de violências de todos os tipos, que se apresentam na forma de discriminação, preconceitos, questões de gênero... Concretizadas através de agressões físicas ou verbais.

Existe um processo de banalização das violências na atualidade, em diversas sociedades, assim como na escola. Percebi durante uma experiência vivenciada, como estagiária, em uma escola municipal de Redenção - CE, que os/as profissionais de educação possuem dificuldades em mediar os conflitos diários entre seus estudantes, resultando as vezes, em casos de violência. Esse fato pode vir a ocorrer em razão da ausência de discussão sobre essa temática e a naturalização dos fatos, desviando a escola de seu papel significativo, na formação da cidadania de seus estudantes.

Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990), em seu Art. 5º, é assegurado que *“nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”* (BRASIL, 1990) dentro ou fora da família. No Art. 18, deixa explicitado que *“é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”* (BRASIL, 1990). Assim, a escola deve não somente assegurar a suas crianças um ambiente seguro onde possam conviver e se relacionar bem com os outros, sabendo enfrentar e resolver os conflitos diários de uma forma não violenta, como deve oferecer o conhecimento como ferramentas de compreensão de como elas mesmas estão reproduzindo a violência entre si.

É preciso discutir sobre a violência e como conviver distante dela, oferecendo às crianças, meios para que elas reconheçam e compreendam que estão sendo vítimas da violência, ou até mesmo sendo os reprodutores delas. Em um trabalho apresentado por Senra (2016), com a finalidade de apresentar estudos pertinentes ao processo de construção e análise das qualidades psicométricas da Bateria de Escalas de Violência Escolar - BEVESCO, a autora evidencia que estudantes do sexo masculino tendem a praticar e a presenciar mais atos violentos do que as do sexo feminino, e que estudantes mais jovens (entre 12 e 13 anos) tendem a ser mais as vítimas, enquanto os mais velhos (entre 16 e 17 anos) atuam mais como agressores ou observadores, podendo tornar-se um ciclo onde as crianças enquanto mais jovens são as vítimas, mas poderão ser as possíveis agressoras quando mais velhas, vitimando novamente as mais jovens. Se a escola entende esse ciclo de violência ela pode atuar na desconstrução desses padrões.

Essa violência também se encontra no trajeto (de ida ou volta) de casa à escola, afastando estudantes das aulas. Conforme a informação revelada nos dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar⁵ (Pense), realizada em 2012 pelo IBGE e Ministérios da Saúde e da Educação, foram consultados 109 mil alunos de 3 mil escolas públicas e privadas de todo o território brasileiro. Nessa pesquisa, 8,8% dos estudantes disseram que deixaram de ir à aula por não se sentirem seguros no caminho entre a casa e a escola. De acordo com essa pesquisa, que investigou temas relacionados a vários aspectos em que a violência pode afetar os estudantes (sentimento de insegurança no deslocamento para a escola e no espaço escolar, envolvimento em brigas com armas de fogo e branca, etc.), a frequência dos casos foi maior entre os alunos de escolas públicas.

Esta pesquisa se realizou, a fim de compreender como os comportamentos de violência escolar acontecem em uma escola no distrito de Antônio Diogo, no município de Redenção-CE, organizando-se, inicialmente, a partir de uma base teórica, discorrendo sobre os trabalhos de autores especialistas no assunto, trazendo conceitos e possíveis soluções para um fenômeno recorrente na sociedade e conseqüentemente no ambiente escolar, e trazendo os dados obtidos e as análises feitas em busca de resposta para as questões levantadas, oferecendo, assim, elementos que contribuam para reflexões sobre a possibilidade de uma educação mais humanizada e na busca da não violência.

1.1. Objetivos

⁵ PESQUISA nacional de saúde de escolar 2012. Rio de Janeiro: IBGE: 2013. 256p. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2014/dezembro/09/PeNSE-2012.pdf>. Acesso em: 31 mar 2021.

- **Objetivo Geral**

Analisar e compreender o comportamento de violência, manifestada nas relações conflituosas, entre estudantes de uma escola municipal de Ensino Fundamental de Redenção-CE.

- **Objetivos específicos**

- Observar e descrever os comportamentos das crianças, a partir dos conflitos que ocorrem entre elas.

- Identificar os tipos de violências que são manifestadas entre os estudantes.

1.2. Metodologia

Para analisar e compreender as questões da violência e as relações conflituosas entre os estudantes do ensino fundamental de uma escola municipal de Redenção - CE, o procedimento metodológico utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa, se configura como etnografia escolar, em uma abordagem qualitativa, pois se deseja entender os detalhes das situações cotidianas.

Esta pesquisa não se tratou de quantificar os casos ocorridos, mas de tipificar e revelar as experiências pessoais em torno do fenômeno, descrevendo os comportamentos e buscando responder as questões levantadas. E como afirma André, *“a pesquisa do tipo etnográfico, que se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária”* (2011, p. 41).

Sendo assim, os procedimentos escolhidos foram: o estudo bibliográfico, a observação e o uso do diário de campo. O objetivo foi observar, analisar e descrever o comportamento dos/as estudantes, através do desenvolvimento de uma pesquisa do tipo exploratória e descritiva. Exploratória, pela busca de uma explicação geral sobre a temática da violência escolar e para uma melhor compreensão do problema, consistindo em um levantamento bibliográfico, através da análise de documentos da escola, como o Projeto Político e Pedagógico (PPP), o Regimento Interno Escolar e o Livro de ocorrências, e ainda, através da observação dos sujeitos e suas experiências em relação ao fenômeno pesquisado. E é descritiva, pois a partir das observações e informações obtidas, teve o objeto de estudo analisado e descrito detalhadamente. Se manteve em vista os objetivos da pesquisa, *“porque os dados coletados têm, como função, oferecer subsídios para responder à questão central do problema e, conseqüentemente, atingir o objetivo geral”* (Prodanov, 2013, p.111).

Quadro 01: Etapas para a realização da pesquisa

1ª ETAPA	Levantamento bibliográfico e análise documental.
2ª ETAPA	Pesquisa de campo (observações, diário de campo).
3ª ETAPA	Análise dos dados coletados e escrita.

Na primeira etapa, foi feito um levantamento bibliográfico, e é como esclarece Gil (2008, p.50): “*A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente*”. Diante disso, foram estudados diversos trabalhos, como dissertações, livros e artigos relacionados ao tema, auxiliando na compreensão e nas reflexões, e feito um levantamento documental na escola, verificando casos de violências entre estudantes e a existência de políticas voltadas para a prevenção dos casos.

A segunda etapa da pesquisa, foi feita a partir do trabalho de campo, realizado numa abordagem qualitativa, com dados obtidos através de observações, a fim de criar a possibilidade de se identificar casos e as reações frente a práticas violentas. Durante a pesquisa de campo, foi construído o diário de campo, onde contém todos os registros do dia, no campo de pesquisa, situações e fatos ocorridos e as reflexões feitas diariamente. Foi registrado tudo que foi observado ao longo do processo de investigação para posteriores análises e estudos.

A escola onde foi realizada a pesquisa é pertencente à rede de ensino municipal de Redenção - CE, e fica no distrito de Antônio Diogo, localizado à 11,5Km da sede do município. O prédio da escola fica situado em uma área residencial e recebe alunos/as das comunidades vizinhas e da zona rural. Participaram das observações, todos os/as estudantes presentes nos recreios durante o período da pesquisa de campo. Foram cerca de 347 estudantes, na faixa etária entre seis e dezesseis anos. A observação foi realizada nos dias: 04, 05, 06, 09, 10, 11 e 13 de março de 2020. No total, foram observados quatorze recreios, divididos no período da manhã (das 09h15min às 09h30min), com turmas do 1º ao 5º ano (Ensino Fundamental, séries iniciais), e no período da tarde (15h15min às 15h30min), com turmas do 1º e 5º ano (Ensino Fundamental, séries iniciais), e do 6º ao 9º ano (Ensino Fundamental, séries finais).

Uma pesquisa de campo do tipo etnografia escolar, se fez imprescindível pela necessidade de se compreender o objeto de estudo e para que possa apresentar resultados satisfatórios, em relação a interpretação da realidade e dos sujeitos pesquisados. Para André (2011), uma das características da pesquisa etnográfica, que envolve o trabalho de campo, é fazer com que o/a pesquisador/a se aproxime

de pessoas, situações, locais, eventos, mantendo com eles um contato direto e prolongado [...] não há pretensão de mudar o ambiente, introduzindo modificações que serão experimentalmente controladas [...] os eventos, as pessoas, as situações são observadas em sua manifestação natural (André, 2011, p. 45).

A terceira etapa da pesquisa foi o desenvolvimento da escrita a partir do referencial teórico e das análises dos dados coletados na pesquisa de campo, relacionados com a literatura estudada. A partir daí, se possibilitou a construção de conclusões e questionamentos sobre a temática da violência escolar, e a urgência de se definir um trabalho dentro da escola para sua prevenção.

A organização do referencial teórico utilizado nesta pesquisa, foi feita, inicialmente, a partir de autores que estudam a violência em sua forma mais ampla, como os estudos de CHAUI (2015), TAVARES DOS SANTOS (2002) e ODALIA (2016). Em seguida, foram feitas as análises das leituras relacionadas às violências específicas do ambiente escolar, seus principais conceitos, tipos, características, causas, consequências identificadas por especialistas na temática, dentre eles, ABRAMOWAY, RUA (2003), CHARLOT (2016) e ELIAS (2011). Desse modo, partiu-se de um entendimento maior, para tentar compreender a violência presente no ambiente escolar.

Durante a pesquisa de campo, as anotações feitas no diário foram analisadas, e as relações de conflitos observadas durante os recreios, organizadas através de cenas, onde se buscava perceber a ocorrência ou não, de violência entre os/as estudantes, qual o tipo da violência, as características dos sujeitos e as reações dos/as envolvidos/as, relacionando com a literatura estudada anteriormente.

2. CAPÍTULO 1: SOBRE A VIOLÊNCIA

A violência é um fenômeno que está presente em todas as sociedades, das mais variadas culturas, em diferentes tempos e espaços. O mundo vive em constantes transformações, e o que hoje é considerado por um grupo social como violência, a outrora poderia não ser. Desse modo, cada sociedade, a depender da época, apresenta uma definição do que se pode considerar ou não como violência. No entanto, é preciso considerar que se trata de um fenômeno complexo e que se renova a cada tempo.

2.1. Definindo violência, um fenômeno complexo

As causas, as consequências e os conceitos de violência, vão se redefinindo ao longo dos anos e estão relacionados ao contexto histórico e social. Como diz Odalia (2016, p. 6 - 7): *“o viver em sociedade foi sempre um viver violento. Por mais que recuemos no tempo, a violência está sempre presente, ela sempre aparece em suas várias faces”*. Em um mesmo território, um fato que no princípio ocorria como algo normal ou natural, após transformações históricas e culturais, passa a ser visto como uma ação violenta, podendo ser considerado, dependendo da sociedade e do fato, como um crime previsto em lei.

O que nas sociedades atuais se considera como violência? Para Pilatti (2016, p. 28) a violência é algo difícil de conceituar, podendo ser resultado de interações das relações pessoais, políticas, sociais e culturais. *“É um componente cultural considerado normal e natural dependendo do local e da época considerados. É um fenômeno positivo em alguns momentos e negativos em outros, mas sempre complexo”*. É um conceito com múltiplos significados, que se modifica e se utiliza de novas armas ao longo dos tempos, dando uma impressão, falsa ou legítima, de que vem aumentando ao longo dos anos, sendo causada pelo aumento da consciência social sobre a questão, ou pela grande exposição de fatos considerados violentos pela mídia.

Diante dessa complexidade, diversos estudos, nas mais diversas áreas de pesquisas, buscam dar conta da compreensão das questões levantadas pela violência. Ela vem sendo analisada pela sociologia, antropologia, filosofia, psicologia, pela área do direito, da educação, da saúde, entre outras que buscam entender e caracterizar o conceito de violência. Paviani apresenta a violência através de características que variam no tempo e no espaço, segundo padrões culturais de cada grupo ou época, afirmando que:

a violência pode ser natural ou artificial. No primeiro caso, ninguém está livre da violência, ela é própria de todos os seres humanos. No segundo caso, a violência é geralmente um excesso de força de uns sobre outros. A origem do termo violência, do latim, *violentia*, expressa o ato de violar outrem ou de se violar. Além disso, o

termo parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que produz humilhações, ameaças, ofensas [...] a prática da violência expressa atos contrários à liberdade e à vontade de alguém e reside nisso sua dimensão moral e ética (PAVIANI, 2016, p. 8).

Entre os diversos conceitos, existem alguns elementos que se interligam em relação ao que seja violência, em outros, são levantadas novas considerações a partir de novas compreensões sobre o fenômeno. Tavares dos Santos (2002) considera a violência como *“um dispositivo de poder, em que se exerce uma relação específica com o outro mediante o uso da força e da coerção”*. Minayo também aponta em sua definição, a violência como poder, considerando que:

a violência não é uma, é múltipla. De origem latina, o vocábulo vem da palavra *vis*, que quer dizer força e se refere às noções de constrangimento e de uso da superioridade física sobre o outro. No seu sentido material, o termo parece neutro, mas quem analisa os eventos violentos descobre que eles se referem a conflitos de autoridade, a lutas pelo poder e a vontade de domínio, de posse e de aniquilamento do outro ou de seus bens. Suas manifestações são aprovadas ou desaprovadas, lícitas ou ilícitas segundo normas sociais mantidas por usos e costumes ou por aparatos legais da sociedade. Mutante, a violência designa, pois – de acordo com épocas, locais e circunstâncias – realidades muito diferentes. Há violências toleradas e há violências condenadas (MINAYO, 2006, p. 13).

Marilena Chauí, em seu livro *“Sobre a violência”*, apresenta uma definição de violência de forma mais ampla, em cinco sentidos, considerando-a não apenas em sua dimensão física, mas também em sua dimensão psíquica e simbólica, apresentando novas considerações, que vão além do poder e da força sobre o outro:

Etimologicamente, *“violência vem do latim vis, força, e significa: 1. Tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2. Todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3. Todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4. Todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade definem como justas e como um direito (é espoliar ou a injustiça deliberada); 5. Conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e pela intimidação, pelo medo e pelo terror (CHAUI, 2017, p. 35-36).*

Para a autora, a violência se configura como um ato cruel e covarde, que ocorre a partir da relação com o outro, onde se trata esse outro como um ser não humano, como uma *“coisa”*, tirando sua identidade, sua liberdade e seus direitos humanos. Odalia (2016) considera a violência como forma de privação. Privar no sentido de tirar, destituir alguém de alguma coisa, seja da vida ou de direitos, e afirma que *“toda a vez que o sentimento que*

experimento é o da privação, o de que determinadas coisas me estão sendo negadas, sem razões sólidas e fundamentadas, posso estar seguro de que uma violência está sendo cometida” (ODALIA, 2016, p.61).

Conceituar violência envolve questões de ordem social, econômica, cultural, histórica e política. Ela encontra-se presente no cotidiano e nas relações conflituosas. É como observa Odalia (2016), a violência produzida pelo ser humano de ontem, buscava garantir a sobrevivência, e era utilizado como forma de defesa, mas nas sociedades de hoje, se modernizou e como uma “agressividade necessária”, passou a ser uma consequência da maneira pela qual o ser humano se organizou socialmente. Nesse sentido, não deve ser naturalizada, mas compreendida e combatida, estabelecendo formas de definir quais violências devem ser aceitáveis ou não, se é que alguma violência pode ser considerada como aceitável. E, se não, para combater é preciso compreender, entre outras coisas, que ela não se resume a agressões físicas, e que nem todas são perceptíveis, mas que também causam danos.

2.2. Os tipos de violências manifestadas na sociedade

A violência nas sociedades atuais é algo preocupante, pois ela atinge diretamente a vida, fere fisicamente e psicologicamente as pessoas. Quem a prática infringe leis e impossibilita uma convivência saudável e pacífica. No Brasil, a violência vem se fazendo presente desde sua origem com a colonização violenta portuguesa, e nos últimos anos entrou para o grupo dos países mais violentos do mundo, sendo apontado pela ONU em 2019, como o segundo mais violento na América do Sul⁶. As mortes violentas e os conflitos armados são os indicadores mais graves, no entanto, outras formas de violência se configuram no espaço social brasileiro.

Ao se pensar sobre violência, em um primeiro momento, logo se relaciona o fenômeno aos casos de agressões físicas, mortes e a criminalidade. No entanto, muitos casos de violência são invisibilizados, silenciados e acontecem em espaços pouco prováveis, como nas instituições familiares, religiosas, etc. E na maior parte das vezes, as vítimas nem percebem que estão passando por situações de violência. Ela se expressa das mais diversas formas, atingindo diferentes grupos e trazendo consequências distintas. Não se pode considerar a existência da violência somente nos grupos marginalizados, pois as classes

⁶ BRASIL é o segundo país mais violento da América do Sul, aponta ONU. **G1**. 08 jul 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/07/08/brasil-e-o-segundo-pais-mais-violento-da-america-do-sul-aponta-onu.ghtml>. Acesso em: 31 mar 2021.

sociais mais favorecidas também praticam violência. Todos/as já foram vítimas, presenciaram e/ou praticaram algum ato de violência, portanto, é uma problemática de todos/as.

Por se configurar como um problema de saúde pública, a OMS (2002) propôs uma tipologia da violência, dividida em três grandes categorias: **1. Violência auto-infligida; 2. Violência interpessoal; 3. Violência coletiva.** Foram caracterizadas de acordo com quem pratica o ato, diferenciando a violência que uma pessoa inflige a si mesma, a violência infligida por outra pessoa ou por um pequeno grupo, e a violência infligida por um grupo maior (grupo de milícias, terroristas) ou pelo Estado. Posteriormente, elas se subdividem em tipos mais específicos de violências.

Quadro 2: Categorias e Subcategorias da Violência

CATEGORIAS:	SUBCATEGORIAS:
1. VIOLÊNCIA AUTO-INFLIGIDA - praticada contra si mesmo	COMPORTAMENTO SUICIDA
	AUTO ABUSO
3. VIOLÊNCIA INTERPESSOAL - praticada entre as pessoas	VIOLÊNCIA DA FAMÍLIA E DE PARCEIROS/AS ÍNTIMOS
	COMUNITÁRIA
4. VIOLÊNCIA COLETIVA - praticada por grandes grupos de pessoas ou pelo Estado	SOCIAL
	POLÍTICA
	ECONÔMICA

Fonte: (Krug EG et al., 2002)

A violência praticada entre as pessoas, diz respeito aos conflitos familiares, que podem ocorrer dentro ou fora do lar, transformados em intolerância, abusos e opressão, envolvendo crianças, adolescentes, idosos e parceiros(as) íntimos.

A violência intrafamiliar tem muitas manifestações, mas as mais comuns, sobretudo no Brasil, são as que submetem a mulher, as crianças e os idosos ao pai, ao marido e ao provedor. Ou ainda, colocam crianças e jovens sob o domínio – e não sob a proteção – dos adultos. (MINAYO, 2013, p.33).

As formas dessa violência são: abuso infantil, violência (física e psicológica) praticada pelo/a parceiro/a íntimo e maus tratos de idosos. Muitas vezes, a violência vem disfarçada de

uma maneira “pedagógica” de educar, através de agressões físicas em crianças e jovens, afetando o desenvolvimento, a aprendizagem e causando a reprodução de mais violência.

A violência intrafamiliar, também envolve pessoas sem laços de parentescos (conhecidas ou desconhecidas), incluindo atos variados de violência, estupro ou ataque sexual por desconhecidos, e violência em instituições como escolas, locais de trabalhos, prisões. Muitos dos casos ocorrem pela dificuldade em se resolver os conflitos resultantes das relações cotidianas.

A OMS (2002) também classificou os atos violentos de acordo com a natureza. Essa divisão facilita a compreensão dos tipos complexos de violência praticada em todo o mundo, na vida cotidiana, pois capta a natureza dos atos, a relevância do cenário, a relação entre agente e vítima e, no caso da violência coletiva, as possíveis motivações para a violência. São elas:

- **VIOLÊNCIA FÍSICA** – constitui-se como o uso da força física para provocar lesões, traumas, feridas, dores ou incapacidades em outra pessoa.
- **VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA** – é aquela que acontece por meio de agressões verbais ou por gestos com o propósito de amedrontar, rejeitar, humilhar, diminuir a liberdade ou isolar a pessoa do convívio social.
- **PRIVAÇÃO OU NEGLIGÊNCIA** – é o ato de omissão em providenciar as necessidades básicas para o desenvolvimento de uma pessoa, incluindo comida, casa, segurança e educação.
- **VIOLÊNCIA SEXUAL** – é todo ato ou jogo sexual que ocorre nas relações hétero ou homossexuais com intenção de estimular sexualmente a criança ou o adolescente, visando utilizá-lo para obter excitação sexual e práticas eróticas, pornografias e sexuais, impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças. Como por exemplo, a exploração sexual e a pedofilia.

Minayo (2013) apresenta outras categorias de violências que se manifestam e são perpetuadas na sociedade, como a violência criminal, que ocorre quando se pratica agressão grave à pessoa, atentando contra sua vida (aos seus bens), e esta agressão resulta em ações de prevenção ou repressão por parte da segurança pública; a violência estrutural, que diz respeito as diferentes formas de se manter as desigualdades sociais, culturais, de gênero, etárias e étnicas que produzem a miséria, a fome, e as várias formas de submissão e exploração de umas pessoas pelas outras; e a violência institucional, que acontecem dentro das instituições por causa de suas regras, normas de funcionamento e relações burocráticas e

políticas, reproduzindo injustiças sociais; e a violência cultural, que abrange todas as formas de violência que são naturalizadas na cultura de um povo, de um grupo.

Portanto, diante de tantas possibilidades, podemos encontrar a violência nos mais diversos espaços, desde que observemos mais atentamente o nosso redor. Por vezes, percebemos a presença da violência apenas no outro, em outras culturas, em outros lugares, mas ela também se encontra ao nosso lado, dentro dos nossos lares, nas nossas escolas, em nossas esquinas e dentro de nós. Não basta definir como violência somente as agressões físicas, verbais ou a criminalidade que cresce cotidianamente. A violência, em suas mais diversas formas, se caracteriza pela violação de direitos, o direito à vida, à moradia, saúde, educação, à liberdade religiosa, cultural etc.

No Brasil, a superação desse problema requer reflexões e ações nos mais diversos segmentos da sociedade. Para Chauí (2017, p.16), *“compreender o fundamento da violência no Brasil, que se escamoteia sob o mito da sociedade não violenta, pode tornar-se um instrumento combativo de formação, resistência e resiliência.”* A violência na sociedade brasileira perpassa por sua estrutura social, e ela é negada e silenciada em torno de um mito, que só será destruído através da compreensão das bases desse fenômeno, e do reconhecimento de sua presença no dia a dia da sociedade.

Ao analisar a violência brasileira e apresentar a questão “do mito da não violência” no Brasil, Chauí (2017) afirma que a violência está impregnada na estrutura da sociedade e se reproduz até hoje. Somos um país que vive as consequências do machismo, do racismo, e que não consegue respeitar o seu igual, em razão das diferenças étnicas, religiosas e políticas. Por essa razão, podemos considerar que a sociedade brasileira é violenta, e essa violência está arraigada em sua estrutura e aceita, em muitos casos, como algo natural, ou sequer são percebidas como violências. Chauí (2017) apresenta os meios de comunicação de massa como um dos elementos que faz com que a violência passe a ser compreendida apenas nos crimes de morte, nos roubos, omitindo a violência presente na estrutura social, que causa as desigualdades e a miséria, como a corrupção, a intolerância religiosa, sexual, e outras que mascaradas, não são consideradas formas de violências. Portanto, é preciso enxergar o termo violência a partir de diferentes olhares.

2.3. A presença do fenômeno da violência no espaço escolar

Ao observar a vida em sociedade, podemos identificar a violência presentes em diversos ambientes, mas alguns fatos, não são vistos ou sentidos a um primeiro momento como violência. Por essa razão, Chauí (2017) considera necessário desenvolver a ideia de

violência, ampliá-la, a fim de identificar novas situações em que a violência se faz presente. Dentro do ambiente escolar, por exemplo, é necessário enxergar a violência, além da indisciplina e das “brincadeiras de criança”. É necessário compreendê-la como “toda forma de ação, pensamento e sentimento que reduz outra pessoa à condição de uma coisa”, ou seja, desumanizando e inferiorizando o outro, tratando não como pessoa, mas como um objeto, e que manifesta a partir dessas relações com o outro, violentas formas de opressão, dominação e de exclusão.

Essa violência que tanto prejudica a vida em sociedade, também se manifesta dentro das escolas. Deste modo, Debarbieux e Blaya (2002, p.10) asseguram que *“se a escola reflete a sociedade, como se sabe desde os fundadores da sociologia da educação, aumentando as violências na última, tendem também a aumentar na primeira”*, acrescentando que *“longe de ser uma instância passiva, a escola pode amplificar a violência ou contribuir para a construção da paz na sociedade.”* Portanto, na medida em que sua manifestação aumenta na sociedade brasileira, essa também irá crescer na instituição escolar, nas mais diversas formas.

Estratégias de prevenção dentro das escolas, precisam ser adotadas para proteger crianças e adolescentes das consequências que os atos violentos podem causar. Faleiros e Faleiros (2008) afirmam na apresentação de seu livro “Escola que protege: enfrentando a violência contra criança e adolescentes”, que as violências cometidas contra as crianças e os adolescentes estão entre um dos problemas mais pungentes no Brasil, deixando marcas físicas visíveis e marcas psicológicas invisíveis e profundas.

O processo histórico brasileiro envolveu crianças e adolescentes, especialmente as negras e indígenas, em relações de maus tratos por diversas instituições sociais ao longo do tempo, sendo vítimas de violência física, psicológica e sexual, causando inúmeros prejuízos para a saúde dessas crianças. *“As gradativas transformações socioculturais, incluindo a caracterização desse grupo social como ‘sujeitos de direito’, exigiram a mobilização de diferentes segmentos da sociedade pública e civil”* resultando em pesquisas e leis voltadas para o bem-estar das crianças e adolescentes (FALEIROS, FALEIROS, 2008, p.15-16), como por exemplo, o considerável aumento no número de pesquisas sobre a temática da violência escolar, revelando-se como um fator prejudicial para o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes.

A história demonstra que a violência nas escolas não é um fenômeno novo. Contudo, novas formas de violência escolar nascem cotidianamente, fatos estes que têm tornado a violência o objeto de estudo de pesquisadores de diversas áreas, pois ela afeta a sociedade como um todo (SOUZA, 2012, p. 22).

Mesmo não sendo considerada novidade, a violência escolar, se configura atualmente, com novas formas de manifestações, elevando seus índices, dificultando a aprendizagem, gerando exclusões, evasão, repetência, entre outros.

No Brasil, os primeiros estudos sobre o tema ocorreram a partir de 1980 junto ao processo de democratização do país. Sposito (2001) assegura que isso se deu naquele momento por uma maior abertura para as questões que afetavam a qualidade de vida da população das periferias das grandes cidades e pelas lutas por uma maior democratização das instituições oficiais.

É no quadro de uma ampla demanda de segurança por parte dos moradores das periferias dos centros urbanos que o fenômeno da violência nos estabelecimentos escolares torna-se visível e passa a acompanhar a rotina do sistema de ensino público no Brasil, desde o início dos anos 1980. [...] Tratava-se assim de uma concepção de violência expressa nas ações de depredação do patrimônio público, especialmente, e, em menor grau, no medo da invasão dos prédios por adolescentes ou jovens moradores, aparentemente sem vínculo com a unidade escolar. Naquele momento não estavam sendo questionadas as formas de sociabilidade entre alunos, mas eram criticadas as práticas internas aos estabelecimentos escolares produtoras da violência (SPOSITO, 2001, p. 90-91).

Os estudos realizados por Sposito (2001) atestam que as primeiras pesquisas desse período foram iniciativas do poder público, porém as informações eram precárias, e os primeiros diagnósticos sempre apontavam as depredações, furtos e invasões como os grandes problemas da época. Já ao longo da década de 1990, as produções de pesquisas sobre violência escolar são feitas também por algumas ONG's, por entidades de profissionais da educação e por organismos públicos. Esses estudos não eram voltados para a análise da relação violência e escola, mas buscavam apontar condutas violentas entre os jovens. No entanto, um levantamento nacional sobre violência escolar publicado em 1998, identificou como situações mais frequentes do período, as depredações, o vandalismo, os furtos e roubos ao patrimônio e incluindo a partir daí as agressões físicas entre alunos e entre alunos e professores. Primeiramente, esses estudos eram feitos somente em grandes centros urbanos, depois novos estudos foram desenvolvidos em outros espaços, ampliando as investigações, na busca de se obter novos elementos para a composição do tema enquanto objeto de estudo.

Embora os resultados sejam bastante fragmentários, é possível considerar que os anos 1990 apontam mudanças no padrão da violência observada nas escolas públicas, atingindo não só os atos de vandalismo, que continuam a ocorrer, mas as práticas de agressões interpessoais, sobretudo entre o público estudantil (SPOSITO, 2001, p. 94).

Considerando os tipos de violências apresentadas pela OMS, como vimos no subcapítulo anterior, a violência escolar se caracteriza como violência interpessoal

(comunitária), ocorrendo entre pessoas no espaço escolar e, de acordo com a natureza, essas violências se dão na forma de agressões físicas, psicológicas, sexuais...

Em relação às categorias apresentadas por Minayo (2013), a violência institucional é exercida pela instituição escolar, onde através do currículo, das imposições de regras, da hierarquia, da homogeneização dos corpos, entre outros, de forma silenciosa e velada, vai reproduzindo violências.

As instituições escolares possuem um papel importante na prevenção dessa violência, sendo um dos principais desafios a ser superado pelo sistema educacional, pois a escola, como um lugar dedicado ao ensino e a socialização, não deveria sobrar espaço para atitudes de desrespeitos e agressões. Por essa razão, a violência percebida como fato normal entre os estudantes, precisa ser compreendida como algo mais relevante. Tendo em vista que

As situações de violência comprometem o que deveria ser a identidade da escola – lugar de sociabilidade positiva, de aprendizagem de valores éticos e de formação de espíritos críticos, pautados no diálogo, no reconhecimento da diversidade e na herança civilizatória do conhecimento acumulado. Essas situações repercutem sobre a aprendizagem e a qualidade de ensino tanto para alunos quanto para professores. (ABRAMOVAY; RUA, 2003, p.65)

Pesquisadora do tema da violência escolar há mais de dez anos, Miriam Abramovay, coordenadora da área de Juventude e Políticas Públicas da FLACSO (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais), que entre outros projetos, coordenou pesquisas da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura), onde defende a criação de políticas públicas de prevenção da violência escolar, de diagnóstico dos problemas e da formação específica de professores, considera que pouco vem sendo feito, já que esses comportamentos vêm se repetindo e aumentando. Os projetos desenvolvidos e executados no presente, definirão as proporções dos atos violentos que viram a ocorrer no futuro.

Para entender melhor esse fenômeno, essa pesquisa adotou inicialmente, uma concepção abrangente de violência que vai além de agressões físicas entre alunos, buscando entender também as dimensões socioculturais e simbólicas do fenômeno. Pois, como afirma Abramovay e Rua:

Tratar de violência na escola significa lidar com uma intersecção de elementos, isto é, um fenômeno de uma nova ordem e não simplesmente o somatório dos objetos “escola” e “violência”. É um fenômeno singular, pois envolve práticas sociais que, para serem compreendidas, requer um olhar que não as reduz (sic) a meras extensões de práticas violentas ou escolares (2003, p. 63).

Assim como a violência em geral, definir a violência escolar é algo complexo. Pesquisadores/as da temática ainda não chegaram a um consenso do que pode ser definido como violência escolar, pois seu significado irá depender do contexto social, cultural e

político. Assim, as características da violência escolar variam de acordo com cada instituição, não existindo consenso em torno do seu significado. Contudo, para melhor entender o fenômeno da violência nas escolas

é preciso levar em conta fatores externos e internos à instituição de ensino. No aspecto externo, influem as questões de gênero, as relações raciais, os meios de comunicação e o espaço social no qual a escola está inserida. Entre os fatores internos, deve-se levar em consideração a idade e a série ou o nível de escolaridade dos estudantes, as regras e a disciplina dos projetos pedagógicos das escolas, assim como o impacto do sistema de punições e o comportamento dos professores em relação aos alunos (e vice-versa) e a prática educacional em geral (ABRAMOWAY, AVANCINI E OLIVEIRA, 2006, p.31).

Elias (2011) define violência escolar como os acontecimentos que “*envolve qualquer tipo de violência que ocorra no contexto escolar, com qualquer pessoa ou instituição que tenha vínculo direto ou indireto com a escola*” (2011, p.11). A autora destaca três aspectos: o primeiro, diz respeito às várias formas de violência relacionada com a escola: brigas, xingamentos, roubos, falta de respeito, autoritarismo, racismo, etc.; o segundo aspecto, refere-se ao âmbito, esclarecendo que se trata de qualquer violência que venha a ocorrer no contexto escolar, vindo a acontecer dentro ou fora dos muros escolares (na rua, nas atividades extraescolares, no jogo de futebol); o terceiro aspecto, diz respeito às pessoas, na condição de agentes ou de vítimas, envolvendo pessoas com vínculo direto ou indireto com a escola, como professores, alunos, seus familiares, etc. Sendo assim, ao estudar a violência escolar tem que considerar suas várias faces.

Outra variedade de manifestações desse fenômeno é apresentada por Bernard Charlot (2002):

- A **violência na escola** é a produzida dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar, ou seja, são acontecimentos de origem externas e que poderiam ter ocorrido em qualquer outro lugar, como chacinas, venda de drogas, etc.
- A **violência à escola** está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar, como casos de violência direta contra a instituição, como depredações, vandalismo, etc.
- A **violência da escola** é entendida como a violência onde as vítimas são os próprios alunos, como métodos de avaliação, preconceitos, autoritarismo, etc.

Para Charlot, esta distinção é necessária, pois “*se a escola é largamente [...] impotente face à violência na escola, ela dispõe [...] de margens de ação face à violência à escola e da*

escola” (2002, p. 435). Ou seja, se existe algo que limite a escola em relação ao controle da violência na escola, existem possibilidades para que ela busque meios de intervenção e prevenção para casos de violência à escola e da escola, construindo alternativas para uma cultura da paz na escola e na sociedade. É como considera Elias (2011, p.7):

A violência social é um desafio e uma das tarefas da educação é justamente a construção e possibilidade de conviver, de viver juntos. Pretender educar apenas com o foco em diferentes disciplinas e conteúdos, ignorando a realidade da violência, não é uma opção viável. Além dos conteúdos e disciplinas, a escola deve trabalhar a convivência, os conflitos e a violência.

Sendo necessária uma formação de educadores voltada para outras questões, que se diferencie dos conteúdos propostos nos currículos tradicionais, que limita o trabalho dos profissionais. Portanto, incluir um projeto de formação dos profissionais que fazem parte da comunidade escolar, relacionado a medidas de prevenção de violência, seria uma medida inicial para a prevenção dos casos. Contudo, o autor adverte que:

assumir a prevenção da violência escolar, dada sua magnitude e enorme pluralidade, implica uma forte mudança de concepção e de práticas educativas. Não apenas da escola, que não pode ficar sozinha nessa atividade, mas de toda a sociedade. Eis o papel social da educação: o pleno desenvolvimento dos cidadãos e cidadãs. (ELIAS, 2011, p. 81)

Neste sentido, vale destacar o estudo de Oliveira (2008), que trata sobre a criação de ações e iniciativas de combate à violência escolar. Demonstrando diversas iniciativas existentes entre organismos internacionais, governos, ONGS e escolas para o enfrentamento da violência, com experiências bem sucedidas. Para isso, esses programas inovaram no modo de administração, com uma gestão efetiva e eficaz, atuando de forma a valorizar o diálogo nas resoluções de conflitos, reprimindo a violência com uma gestão escolar democrático/participativa. No entanto, a autora lembra que cada escola tem sua realidade e cada uma deve buscar o melhor caminho.

Os estudos sobre a violência escolar no Brasil vêm sendo construídos ao longo dos anos, e a partir desses conhecimentos, é possível realizar novas estratégias e desconstruir velhos hábitos que põe em risco o desenvolvimento de crianças e adolescentes durante sua formação. A violência escolar, entre outras consequências em sala de aula, dificulta o trabalho do/a professor/a e o aprendizado dos/as alunos/as.

Durante o processo formativo, os/as profissionais de educação não aprendem a lidar com esse tipo de situação, que irão, futuramente, se deparar durante as aulas. Ribeiro (2020) que trata acerca do tema da Violência Escolar, destaca, entre os aspectos apontados como vetores de um comportamento violento na escola, a indisciplina, a incivilidade, o *bullying*, o

descaso do Estado, a desigualdade social, as drogas, o ambiente onde o aluno está inserido e a falta de diálogo entre a escola e a família. Ainda podendo acrescentar o racismo, o machismo e o sexismo como elementos causadores de comportamentos violentos dentro e fora da escola.

Caracterizado como um espaço diverso, a escola compartilha diferentes culturas e formas de vida que conflitam entre si, sendo uma das razões que não isenta a escola da problemática da violência.

perceber a violência escolar como comportamentos agressivos e antissociais, seja de forma intencional ou não, com e sem causa aparente, é prognosticar um fenômeno que ‘faz parte’ do espaço de convivência social da escola há certo tempo, reduzindo em experiências conscientes e inconscientes das relações estabelecidas entre professores, estudantes, gestores, funcionários de apoio etc. (SOUSA, 2015, p.17).

Por outro lado, parte da violência que ocorre dentro do espaço escolar passa despercebida, principalmente, pelo fato de que a violência não é percebida por todos da mesma maneira. Através da pesquisa realizada por SOUSA (2015), o autor apresenta, através da análise das narrativas de estudantes, professores e gestores, diferentes definições sobre violência em relação às práticas cotidianas na escola, *“a questão da violência aqui é sentida por alguns como qualquer ato que afeta sua singularidade, já outros agentes percebem a violência como atos contra a integridade física e também moral das pessoas”* (2015, p. 63). O autor aponta a violência como a relação social de excesso de poder que impede o reconhecimento do outro. A escola é percebida por alguns como espaço violento, e por outros como lugar de relações diferentes, não concebidas como violentas.

Sousa (2015) destaca que a escola, na medida em que sofre violência, também é geradora, fazendo parte das relações de todos que compartilham aquele espaço, apontando alguns aspectos como o autoritarismo (imposto como um poder simbólico), a homogeneização (exercida como disciplina) que controla conteúdos, tempo, espaços e corpos, a imposição de disciplina e de regras, motiva em alguns, práticas de indisciplina e/ou violência.

Para prevenir e reduzir práticas violentas dentro do ambiente escolar é necessário a união de diversos agentes. Como, por exemplo, o apoio da família junto à escola, o Estado, através da elaboração e criação de políticas públicas, minimizando os conflitos que geram as violências.

Ramos (2017) acredita na importância de ações de órgãos públicos para reconfigurar a realidade conflituosa das escolas, como por exemplo, através de projetos que envolvem a mediação de conflitos. Em seu trabalho, a autora apresenta a cultura punitiva e as práticas

educativas coercitivas, presentes na maioria das práticas escolares, como um elemento que amplia os problemas relativos à violência e a conflitos sociais no interior da escola, isso porque essas práticas não dão conta da diversidade e multiplicidade dos problemas escolares, podendo contribuir para ampliar as situações conflitantes. Já a mediação de conflitos, “*traz práticas restaurativas, trazendo a ideia do diálogo com técnicas que visam restaurar laços entre pessoas em conflito e da prática efetiva do controle das violências escolares*” (2017, p.12).

As escolas precisam pensar novas possibilidades, a sociedade está em constante transformação, e não podemos resolver os conflitos de hoje através de medidas adotadas no ontem. É necessário trazer para escola práticas democráticas, diálogo e respeito às diferenças. Para Ribeiro (2020) o papel do Estado quanto à violência escolar, começa antes mesmo de se discutir sobre educação, pois ela é indissociável de questões como segurança pública, saúde e assistência social.

O envolvimento na busca por uma escola sem violência, deve ser um esforço conjunto entre escola, família e Estado, porém, Ribeiro (2020) lembra que para amenizar e ajudar nesse problema de violência, apenas o diálogo não será suficiente, pois a violência está diretamente ligada a miséria, a falta de emprego, a desigualdade, assim, é preciso melhoria de vida, com investimento em cultura, esportes e lazer. Em relação à família, Sousa (2015) considera que os atos violentos são práticas de sociabilidades que podem ser mediadas com a participação dos estudantes e da família.

A escola é um espaço de aprender sobre a vida e a conviver com o outro, com o diferente, portanto, nem só os conteúdos são suficientes para dar conta de questões sociais que a escola enfrenta diariamente, sendo uma delas a violência. Oliveira (2008) lembra que: “cada escola deve construir o seu caminho à luz da sua realidade, da sua trajetória, observando suas particularidades, potencialidades e limitações.” Neste sentido, essa pesquisa buscou contribuir para uma educação formal mais humanizada e sem violências, ressaltando a importância da escola para tratar essa temática.

3. RELAÇÕES CONFLITUOSAS NA ESCOLA: ANÁLISE DOS RESULTADOS

Conforme vimos na introdução, a questão que orientou essa pesquisa foi saber como se manifestam as relações conflituosas de violência entre os/as estudantes de uma escola pública de ensino fundamental do município de Redenção, observando e descrevendo esses comportamentos, a fim de identificar os tipos de violências que se manifestam entre eles/as.

No capítulo anterior, vimos o quanto as relações conflituosas fazem parte da vida dos seres humanos, de sua relação consigo mesmo e suas relações com os outros, nos diferentes espaços em que convivem. O ambiente escolar não está isento desses conflitos, principalmente por ser um espaço composto por diferentes sujeitos, com culturas e sentidos de vida diversos, sendo assim inevitáveis. Agora iremos conhecer o resultado da investigação realizada na Escola Joaquim Holanda (nome fictício).

Após a observação do recreio, registrei no diário de campo as informações percebidas sobre a dinâmica dos recreios. A cada dia e período, observava os/as estudantes a partir de um local diferente, para que pudesse ter uma visão mais diversificada. Observei próximo ao portão de entrada, em uma área aberta da escola onde as crianças jogavam futebol; no pátio central e no corredor das salas de aula, onde tinha uma visão ampliada das salas, dos banheiros e da cantina.

A Escola Joaquim Holanda, atende entre o turno da manhã e da tarde, um total de 347 estudantes. O prédio da instituição teria passado recentemente por uma reforma, se encontrando limpo e bem cuidado. Ao chegar à escola, fui bem recebida por todos/as, alguns demonstrando curiosidade em relação à minha presença naquele espaço. A escola não possui um grande espaço físico, e durante o recreio, os/as estudantes se dividem nos ambientes mais abertos, para conversar, brincar e correr. Eles se dividem nos espaços próximos ao portão de entrada, nos corredores perto das salas de aula e no pátio central, além de alguns/as ficarem, em menor quantidade, dentro das salas de aula, passando quase todo o momento do recreio.

Após análise de conteúdo, que incluiu muitas leituras e categorização, selecionei 10 episódios que manifestam cenas de violências que foram analisadas a partir do arcabouço teórico discutido no capítulo 1. Vamos conhecer agora, as situações de violência do cotidiano local.

Cena 01: Dois meninos, de 11 anos cada, estavam brincando de “pega-pega” no corredor de entrada da escola. E após diversas tentativas de alcançar o colega, o menino conseguiu pegá-lo. Agarrou o colega, que sentou na calçada. Ele bateu repetidas vezes, com a palma da mão e com força na cabeça do colega, que fechou os olhos e se manteve imóvel até o fim das agressões. A criança que bateu sai correndo, olhando para trás, tentando visualizar o colega, que segundos depois se levantou e retornou a brincar, correndo para tentar pegar o menino.

A agressão presente nesta cena, configura a presença da violência física, levando-nos a refletir sobre como um momento de brincadeira pode se transformar em um ato de agressão entre duas crianças. O que pode levar uma criança a agredir fisicamente outra, durante um momento de diversão? Por que a vítima não pediu ajuda a um adulto, ou que o colega parasse? Pelo contrário, a criança voltou a brincadeira como se aquele ato violento fosse normal e corriqueiro durante as brincadeiras.

A agressão física, como forma de violência é o principal elemento presente em outra brincadeira diária nos recreios da escola observada, tanto no turno manhã, como no turno da tarde, envolvendo grupos somente de meninos e também grupos de meninos contra meninas.

Cena 02: Um grupo somente de meninos, no turno da tarde, brinca de polícia e ladrão, na área descoberta da escola. O grupo se divide entre os que caçam e prendem e os que são caçados e presos. Os bandidos quando são pegos, geralmente por um aluno de estatura maior é tratado com bastante agressividade, segurado com força e jogado contra a parede ou jogado ao chão. As crianças agredidas não reclamam, fazem apenas caretas de dor, e a brincadeira continua.

As duas brincadeiras citadas nas cenas 1 e 2, machucam e reproduzem um “faz de conta” que violenta o corpo, e isso é demonstrado através das expressões de dor que os rostos reproduzem. O que leva tantas crianças a brincar desta forma todos os recreios? A imitação da realidade violenta de onde vivem? A reprodução dos jogos e dos filmes que assistem? Até onde esse tipo de mídia pode influenciar a violência nas crianças? Durante o recreio, são constantes os contatos físicos em que as crianças se agarram, chutam, empurram, gritam no ouvido do colega para assustar, para causar dor.

Assisti e registrei, durante o momento do recreio, as violências psicológicas que podem machucar através de palavras. Expressões como “seu viado”, “sua baleia”, “anão”, entre outros adjetivos que desqualificam o outro, foram ouvidos cotidianamente durante o período do recreio e com a possível intenção de humilhar outra criança a partir de ideias equivocadas de brincadeiras. Uma forma de violência psicológica, através de agressões verbais, que causa um impacto negativo na saúde mental e emocional das crianças. Daí a importância de se trabalhar na escola temas como a homofobia, o racismo, o machismo, entre outros.

Na escola, surgem diversos conflitos ao se desconsiderar a diversidade presente no espaço, resultando em preconceitos e discriminações. Como o racismo reproduzido através de “brincadeiras”, mas que desconsidera a diversidade física do outro, causando transtornos comportamentais, como mostra a cena a seguir:

Cena 03: Um grupo com três meninas de quinze anos, estavam voltando da cantina, de volta para sala de aula, após deixarem o prato da merenda. As duas meninas que

vinham mais atrás, começaram a cantar uma música direcionada a colega da frente, que possui cabelos crespos. Tocando em seu cabelo, as duas cantavam: “*mina, seu cabelo é da hora, se puxar ele tora, é da marca bombril. Pegou, puxou, caiu*”. Ao terminar de cantar, continuaram rindo e entraram na sala de aula. A menina atacada seguiu envergonhada e em silêncio, entrando na sala junto com as colegas.

Ao cantar a música, as meninas associaram o cabelo crespo da colega a um objeto que, na realidade, não representa uma característica física. Essa comparação desqualifica as características individuais do outro. Esse comportamento, reproduzido de forma “consciente ou inconsciente”, apresenta uma forma de violência naturalizada em nossa sociedade. São processos discriminatórios e preconceituosos que oprimem e eliminam os diferentes, dificultando as relações e ocasionando violência psicológica.

Violências como essas passam despercebidas no contexto escolar, um local que deveria ser de aprendizagem e formação cidadã. Não é possível educar, ao mesmo tempo em que se naturalizam formas de preconceitos e discriminações. Esses fatos também geram conflitos, que por sua vez, se não forem geridos, se transformam em violências. Sabemos que nem todas as relações conflituosas terão soluções imediatas, sendo necessário buscar medidas de prevenção. Como vimos no capítulo anterior, a existência de projetos desenvolvidos pelo Estado do Ceará, envolvendo ações estratégicas, relacionadas à prevenção do *bullying* e a mediação de conflitos na escola, tiveram resultados positivos frente a violência.

Na escola pesquisada, as medidas tomadas pela gestão em relação a casos de conflitos e violência são, primeiramente, através de conversas com os/as envolvidos/as, podendo estender esse diálogo, junto as famílias. Como registrado no livro de ocorrência, em março de 2020, quando um dos gestores teve uma conversa particular com um dos alunos do 9º ano, para falar sobre “coisas da vida” e em relação aos sentimentos e comportamentos próprios da adolescência. São casos de alunos recebidos na diretoria por algum motivo de bagunça, conflitos com funcionário, professor, etc.

As agressões físicas entre os/as estudantes também se fazem presentes através de “acertos de contas”, após a disputa por um mesmo objeto.

Cena 04: Dois meninos, de nove anos de idade, logo no início do recreio, discutem próximo à porta da sala de aula, por causa de um brinquedo. O dono do joguinho pede ao colega que devolva seu brinquedo, mas o colega não atende. O dono do brinquedo tenta, sem sucesso, tomar o joguinho à força. Em seguida, agarra o colega, que cai junto com ele no chão. Os dois lutam pela posse do joguinho. O dono do brinquedo não conseguindo reaver o jogo, solta o colega, levanta e sai. Após uns minutos, ele volta e bate no colega até conseguir tomar seu brinquedo de volta. No momento da discussão, os professores não estavam na sala, pois na hora do recreio, eles se reúnem na sala dos professores. Em volta dos meninos, tinha um grupo de seis crianças, entre meninos e meninas, que assistiam a cena, sem interferir, apenas olhando.

Nesta cena ocorre uma série de agressões físicas, e fica explícita a falta de diálogo entre as partes envolvidas e a dificuldade em resolver um conflito simples do dia a dia. Uma criança que se apropria do jogo do outro sem consulta, não devolve quando é solicitado, e outra criança que tenta ter de volta seu objeto de pertença sem a mediação de uma pessoa adulta. É possível inferir que o uso da violência foi a única saída encontrada para a resolução do conflito. O conflito gerado pela posse do brinquedo ocasionou uma cena de violência e casos como esse não é raro durante o recreio, como demonstra outra cena a seguir:

Cena 05: No pátio da escola, duas crianças de dez anos de idade cada, começam a brigar. Uma menina, pediu um biscoito, mas o menino não quis dar. Ela tenta tomar a força, agarrando e puxando o braço do menino, que tenta proteger o pacote de biscoito, levantando o mais alto que pode com a mão. Ela não consegue alcançar, agride o colega com algumas tapas e sai correndo. Ele se esconde dentro da sala de aula.

Em mais um momento, o conflito entre duas crianças na busca pela posse de algo, terminou em agressão física. Essas agressões são seguidas de xingamentos, ameaças, destruição de algum material. Podemos considerar que a agressividade faz parte dos comportamentos de algumas crianças, mas é preciso observar se esses comportamentos são constantes e trazem prejuízos (emocional, físico) para si ou para outros.

Cena 06: No corredor que dá acesso à cantina, um menino de doze anos, junto a outros dois, da mesma idade, passam e mexem (gritando, empurrando) de diversas maneiras, com as outras crianças que estão na fila para pegar a merenda. Ele grita alto, bem próximo ao ouvido de uma menina, puxa o cabelo de outra, empurra o colega e coloca o pé no meio para derrubar um menino que vem no sentido contrário, com um prato de merenda.

Esta cena traz uma série de intimidações, partindo da mesma pessoa, a diversas crianças, em um mesmo espaço. Algumas revidam as investidas do menino, outras tentam se defender. As brincadeiras de agarrar, bater, colocar o pé no meio para que o outro caia parecem fazer parte da rotina dos recreios. No entanto, todas essas ações têm como reações ferir, machucar física ou psicologicamente, o outro. Como nestas cenas

Cena 07: Um menino é trazido nos braços por outros três de tamanho maior, gritando ele tenta se soltar, mas não consegue. Ao chegar ao pátio, próximo às salas de aula, eles soltam o menino, dão tapas e rasteiras, tentando derrubá-lo. Quando a criança está no chão, deixam-no lá e saem. O garoto ao ver que os rapazes maiores foram embora, levanta e sai correndo.

Cena 08: Um aluno do 9º ano vem trazendo, agarrado pelo pescoço, dois alunos menores para o espaço de dentro da escola. Joga-os na cadeira, e grita perguntando por que eles o empurraram. Os dois meninos menores ficam calados, e tentam se livrar do garoto maior, mas não conseguem. São ameaçados com gritos e palavrões. Uma menina chega para falar com o garoto, que deixa as crianças menores saírem correndo.

Nas duas cenas, vimos o uso do tamanho como arma de poder para praticar a violência, para dominar crianças menores. As vítimas, tentavam sair a todo momento, se sentindo intimidados e ameaçados naquele espaço. Algumas crianças que presenciaram a cena, sorriam como se assistissem a uma cena de comédia. As manifestações de violência entre os meninos na hora do recreio, são mais frequentes do que entre as meninas, mas também acontecem casos de agressões de meninas para com os meninos, da mesma idade. As agressões disfarçadas de brincadeira ocorrem em diversos espaços e são muito comuns.

Cena 09: No corredor, próximo a entrada da escola, durante o corre-corre do recreio, um menino de 9 anos pega o colega, os dois brancos e da mesma idade, o imprensa na parede e o agride, batendo com socos em diversas partes do corpo. Depois de 3-4 minutos de agressões, sem serem interrompidos, ele solta o colega, que não procura por ajuda.

Cena 10: Um grupo de seis a sete meninos, entre 9 a 10 anos, brigam próximo ao banheiro, durante alguns minutos. Eles se agarram, se estapeiam por cinco minutos, a luta não parece ter um motivo e sim, uma brincadeira entre eles, que só se encerra com a chegada do diretor.

Na hora do recreio, percebi que os estudantes escolhem onde ficar, com quem conversar e como brincar. Assim, a escola se traduz em um espaço diverso em suas identidades e em suas relações. Tem o grupo das meninas, dos meninos, das meninas com meninos. Tem aqueles/as que preferem ficar sozinhos e os que nem saem da sala de aula. São essas relações que podem, ou não, durante o período do recreio, resultar em situações de conflitos e violências, e elas não devem ser negligenciadas, nem silenciadas.

As manifestações de conflitos e violência na Escola Joaquim Holanda, ocorrem, como podemos ver, com muito contato físico agressivo ou por meio de palavras usadas para desqualificar e humilhar. De acordo com o Regimento interno da escola, são consideradas como faltas graves dos estudantes: cometer agressões físicas dentro e nas proximidades da escola, fazer brincadeiras agressivas para com os colegas e desprezar a integridade física e moral dos componentes da comunidade escolar. Em caso de ocorrer um desses fatos, o grupo gestor fica responsável por aplicar a penalidade devida, podendo variar de uma advertência verbal, a uma transferência compulsória.

A escola se encontra afastada da região central do distrito de Antônio Diogo. Uma parte dos alunos vem da zona rural, em sua maioria são oriundos da classe de trabalhadores, e de pessoas com acesso limitado à informação e estudo. De acordo com a gestão da escola, as famílias dos/as estudantes são bem diversificadas. Alguns/as são criados/as pelas avós, que mesmo em condições econômicas precárias, valorizam o processo educacional e motivam os netos e netas nos estudos. Em outros casos, vivem em casas de pessoas sem laços de parentesco, que desvalorizam o processo escolar, deixando o/a estudante negligenciado.

Uma parte dos/as estudantes enfrenta a problemática relacionada com a vulnerabilidade social e econômica, tornando-se um desafio para a escola, pois esses problemas interferem diretamente na aprendizagem. Assim, a escola busca estar em contato com essas famílias, em busca de manter a permanência, e a aprendizagem desses/as estudantes, pois a escola considera que o nível social/econômico tem relação com o nível de sua aprendizagem dos/as estudantes.

Diante de todos os conflitos observados por mim, durante os dias que estive presente na escola, apenas em uma das cenas, houve a interferência direta de um dos funcionários da escola. Na cena 10, onde um grupo de meninos “brincam” de brigar durante o recreio, próximo a porta do banheiro. O diretor chega na cena e interfere, encerrando a “brincadeira”, e os meninos saem correndo para outro espaço da escola. A hora do recreio, é a hora de descanso dos/as educadores/as, e de outros/as funcionários da escola. Por essa razão, dificilmente as crianças vão encontrar com adultos nos corredores durante o recreio. Mas a melhor solução na prevenção dos conflitos e das brincadeiras violentas, não se encontra na vigilância ou no aumento e dureza das regras, mas em uma educação diferenciada, com a inclusão de novos ritos, de novos conteúdos e de novas metodologias. Os casos de violência que chegam a gestão da escola são tratados através do diálogo, tanto com o/a estudante, como com a família. A escola precisa ser sentida pelos/as estudantes como um espaço promotor de diálogo, e utilizar da palavra como uma das armas de prevenção das violências.

A violência na escola também deve ser entendida a partir da Interseccionalidade entre poder, raça e classe. Esses termos se comunicam com práticas sociais produtoras de desigualdades e exclusões. Na sociedade brasileira, categorias como gênero, classe e raça se apresentam através de hierarquias produzidas historicamente, que apontam os espaços que esses sujeitos devem ocupar, valorizando e dando “poder” a uns em detrimentos de outros, causando desigualdades e violências. É preciso considerar a relação hierárquica entre essas categorias, como uma das causas de diversos processos violentos.

Os dados analisados destacam que meninos são os que mais praticam e sofrem agressões físicas durante o recreio, e os conflitos tendem a ocorrer, em sua maioria, com crianças da mesma idade, pertencentes a mesma série. Em menor, estão os casos em que meninos maiores abordam agressivamente os menores, e quando acontece, além das agressões físicas, também ocorrem as intimidações, promovendo além da física, uma violência psicológica. Os conflitos violentos ocorrem, em sua maioria, através das supostas brincadeiras, que acabam em algum tipo de agressão física, e acabam se naturalizando como algo normal das relações entre as crianças.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre a violência, é descobrir sua complexidade, ao mesmo tempo que se busca compreender, através de um de seus caminhos, as dores negligenciadas e silenciadas através das diversas formas de violências. E quanto mais se adentra a este caminho, mais se percebe a necessidade de explorar esse fenômeno, para que se torne conhecido e compreendido como algo possível de ser superado.

As relações conflituosas fazem parte da vida em sociedade e estão presentes no cotidiano escolar, no entanto, esses comportamentos, na medida em que resultam em atos violentos, devem ser considerados como fatos prejudiciais ao processo educativo. Ao analisar os comportamentos dos/as estudantes durante o recreio, pude considerar que as relações conflituosas entre os/as estudantes durante o recreio, resultam em violência física e psicológica.

A violência física é a que se faz mais presente, através de agressões que surgem em dois momentos bem específicos. Primeiramente de modo gratuito, onde a vítima é pega de surpresa, e na maioria das vezes sem chance de defesa. E em um segundo momento que é através das “brincadeiras violentas”. Essas brincadeiras, na maioria das vezes, envolvem grupos de meninos, e sempre resultam em algum tipo de agressão, e se naturalizam naquele espaço como algo normal das relações entre as crianças e jovens.

O recreio deve ser utilizado pelos/as estudantes como um tempo livre para o lanche, uma conversa com os/as colegas e brincadeiras saudáveis. É nesse momento que ocorre a interação entre pares, surgindo diversos conflitos, pois nesse espaço, compartilham diferenças, e modos de ver o mundo que convergem entre si. O momento do intervalo entre as aulas faz parte da rotina escolar e deveria ser repensado como um espaço pedagógico.

Para isso, se faz necessário uma forma conjunta de trabalho, onde a escola, com apoio da família, da comunidade e do Estado, pensando no contexto da escola, possa criar e executar medidas e projetos onde se aprendam a lidar com os conflitos, prevenindo as violências e as desigualdades sociais e econômicas que também reproduz essas violências, dentro e fora da escola.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; AVANCINI, Marta; OLIVEIRA, Helena. O bê-á-bá da intolerância e da discriminação. In: **Direitos negados: a violência contra a criança e o adolescente do Brasil**. 2.ed. Brasília: UNICEF, 2006, p. 29-53.
- ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas** (versão resumida). Brasília: UNESCO, 2003.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). 13 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.
- CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **INTERFACE**. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº8, jul/dez 2002, p. 432-443. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16>. Acesso em: 12 mai. de 2016.
- CHAUÍ, Marilena. **Sobre a violência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (Orgs.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2007.
- ELIAS, Maria Auxiliadora. **Violência escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema**. São Paulo: Ática Educadores, 2011.
- FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- Krug EG et al., eds. Relatório mundial sobre violência e saúde. Organização Mundial da Saúde - OMS, Genebra, 2002. Disponível em: <http://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2019/04/14142032-relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude.pdf>. Acesso em: 28/11/2019.
- LEITE, Wiltonn William. O homem livre: um homem adequadamente violento. In: MODENA, Maura Regina. **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2016.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e Saúde** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.
- _____, Maria Cecília de Souza. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: NJAINE, Kathie (Org.). **Impactos da violência na saúde**.

Rio de Janeiro: EAD/ ENSP, 2013.

ODALIA, Nilo. **O que é violência**. Coleção Primeiros Passos. 1ª ed. eBook, editora brasiliense, 2017.

OLIVEIRA, Eny da Luz Lacerda. Gestão escolar e Combate à violência: uma articulação necessária. Revista **Contrapontos** – v.8 – n.3 – p. 491-505 – Itajaí, set/dez 2008. Disponível em: <http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/968/825>. Acesso em: 09/08/2016.

PAVIANI, Jayme. Conceitos e formas de violência. In.: MODENA, Maura Regina(org). **Conceitos e formas de violência** [recurso eletrônico]. Caxias do Sul, RS: EducS, 2016.

PILATTI, Carolina de Almeida. Violencia e filosofia. In.: MODENA, Maura Regina(org). **Conceitos e formas de violência** [recurso eletrônico]. Caxias do Sul, RS: EducS, 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, Katury Rayane Rodrigues. **Cultura de paz na escola: um estudo sobre mediação de conflitos em escolas públicas do Ceará**. Dissertação (Mestrado acadêmico em Sociologia) - Universidade Estadual do Ceará - UECE. Fortaleza - CE, p.106, 2017.

RIBEIRO, Yonara Deyse Maués. **Violência Escolar: um breve estudo sobre o tema**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual do Ceará – UECE. Fortaleza – CE, 2020.

ROLIM, Marcos. **Mais educação, menos violência**: caminhos inovadores do programa de abertura das escolas públicas nos fins de semana. Brasília: UNESCO, Fundação Vale, 2008.

SENRA, Luciana Xavier. **Construção e estudos das qualidades psicométricas da bateria de escalas de violência escolar – BEVESCO**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. MG, p. 68, 2016.

SOUSA, Harley Gomes. **Violência no universo escolar: narrativas e saberes locais**. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Sociedade) – Universidade Estadual do Ceará - UECE. Fortaleza - CE, p.102, 2015.

SOUZA, Liliane Pereira de. A violência simbólica na escola: contribuições de sociólogos franceses ao fenômeno da violência escolar brasileira. **Revista LABOR** nº7, v.1, 2012. p. 20-34.

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. Microfísica da Violência, uma questão social mundial. In: Ciência e Cultura. **Revista da SBPC** - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, São Paulo, Ano 54, n. 1, julho de 2002, p. 22-24.